

ANO 2  
NÚMERO 5  
OUTUBRO  
1981

LITERATURA  
**Engenho**

NOSSA SENHORA DO DESTERRO - SC

ACEs - ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE ESCRITORES

**EDIÇÃO  
ESPECIAL**

**V CONGRESSO  
NACIONAL DE  
ESCRITORES**

**LOCAL:  
FLORIANÓPOLIS**

**DATA: 22 A 25 DE  
OUTUBRO DE 1981**

**PROMOÇÃO:  
Associação Catarinense de Escritores  
União Brasileira de Escritores/SP**

**APOIO**

Governo do Estado de Santa Catarina  
Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo  
Fundação Catarinense de Cultura

OMP 2.8.8.1.15

# Editorial

Um Congresso Nacional, seja ele em que área for, demanda sempre muito trabalho, sacrifício e despojamento de quaisquer estrelismos ou vedetismos. O espírito de participação, de ajuda mútua, de integração devem ser a tônica dominante; receita única para a verdadeira fraternidade.

Estamos aqui com os braços abertos e com o encargo de recepcionar, de mostrar que Santa Catarina sabe receber, sabe organizar, mas sobretudo, possui atualmente uma das mais vigorosas e, qualitativamente, significativas literaturas do país.

Aceitamos o convite do então Presidente da UBE, escritor Péricles Prade, para sediarmos o Congresso; ratificamos nossa posição ao atual Presidente daquela entidade, escritor Abgvar Bastos, quando da renúncia do primeiro. Convocamos os escritores catarinenses, os sócios da ACEs, os membros da Diretoria da entidade para o árduo trabalho. Felizmente quatro atenderam o chamado.

E nos colocamos em campo. Recebemos a melhor acolhida de todos os segmentos da sociedade catarinense, das entidades culturais, dos órgãos públicos e privados.

Não nos foi permitido maior tempo e espaço para uma

dedicação total ao planejamento e à preparação do Congresso, entretanto, cremos, o tempo que tivemos serviu para mostrar, também, que podemos fazer alguma coisa mesmo sem muitos recursos.

Bem, não é hora de cobrança nem de reclamações. "É hora de fazer"; dê dar boas-vindas, de recepcionar, de discutir, de debater, de conversar, de confraternizar.

Esperemos tão somente que este V Congresso alcance os objetivos para o que foi proposto, isto é, que possibilite chegarmos a conclusões sobre os temas expostos e, principalmente que abra novos caminhos para que se possa apresentar soluções — ou, no mínimo, sugestões a quem de direito — sobre problemas básicos, tais como a defesa dos interesses profissionais e morais do escritor; a definição da responsabilidade moral e política do escritor diante dos problemas do mundo e do Brasil, bem como a defesa do papel que o escritor tem por obrigação desempenhar junto à comunidade."

BEM-VINDOS à Ilha de Sol e Mar, bem-vindos, pois à terra de Dias Velho; e feliz estada entre nós.

## PRESIDENTE DE HONRA

Dr. Jorge Konder Bornhausen  
Governador do Estado de Santa Catarina

PATRONO (homenagem póstuma)  
Cruz e Sousa

PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL  
Pinheiro Neto

## AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Secretaria dos Transportes e Obras  
Secretaria de Comunicação Social  
Assembléia Legislativa  
Tribunal de Contas do Estado  
Fundação Catarinense de Cultura  
Fundação Educacional de Santa Catarina  
Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Conselho Estadual de Cultura  
Academia Catarinense de Letras  
Companhia de Desenvolvimento do Estado — CODESC  
CITUR - Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina  
Transbrasil  
Coca-Cola  
Orleans Gráfica  
JOTUR  
CERIPLÁSTICO  
Casas Flamingo  
Chocolate Caseiro Gramado

## COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL

Pinheiro Neto - Presidente (SC)  
Rossine Camargo Guarnieri - Secretário Geral (SP)  
Luiz Abel Silva - Tesoureiro (SC)

## DIRETORES

Hernani Donato (SP)  
Martins Mendes (SC)  
Antonieta Dias de Moraes (SP)  
Glauco Rodrigues Correa (SC)

## COMISSÃO EXECUTIVA ESTADUAL SANTA CATARINA

Raquel Conti  
Reinaldo Moraes  
Lauro Neves  
Josué Silva  
Theobaldo Costa Jamundá  
Silveira de Souza  
Enéas Athanázio  
Celso Vicenzi

## COMISSÃO EXECUTIVA ESTADUAL SÃO PAULO

Antonieta Dias de Moraes  
Caio Porfírio Carneiro  
Eduardo Sucupira Filho  
Mariazinha Conglío  
Reinaldo Dutra  
Roberto Fontes Gomes  
Roque Luzzi  
Tito Battini  
Walter Sampaio

**SEMANA DO AUTOR CATARINENSE**  
19 a 25/10/81



# PROGRAMA

## V CONGRESSO NACIONAL DE ESCRITORES

PATRONO – CRUZ E SOUSA  
22 a 25 de outubro de 1981

ILHA DE SANTA CATARINA

### LOCAIS

– 22, 24 e 25 – Assembléia Legislativa  
23 – Universidade Federal de Santa Catarina

**PROMOÇÃO** – Associação Catarinense de Escritores – ACEs  
União Brasileira de Escritores – UBE/SP

### APOIO

– Governo do Estado de Santa Catarina

### PROGRAMA OFICIAL

#### DIA 22

das 12:00 às 18:00 – Recepção aos Congressistas  
às 20:00 – Sessão Solene de Abertura do Congresso  
Coquetel e sessão de autógrafos de diversos escritores.

#### DIA 23

às 08:30 – **TEMA 1** – Defesa do Patrimônio Cultural (30 minutos)  
Expositor: Waldisa Russio

às 10:50 – **TEMA 2** – Função Social do Escritor (30 minutos)  
Expositor: Franklin de Oliveira

às 12:00 – Almoço – Restaurante da UFSC.

às 14:00 – **TEMA 3** – O Estado e a Política Cultural (30 minutos)  
Expositor: Antônio Dimas

às 16:15 – **TEMA 4** – Cultura Popular e Literatura Regional (30 minutos)

4.1 – Cultura Popular (15 minutos)  
Expositor: Rossini Tavares de Lima

4.2 – Literatura Regional (15 minutos)  
Expositor: Lauro Junkes

às 18:00 – Mesas Redondas (1 hora)

1º) O Valor do Folclore  
Coordenação: João Chiarini

2º) A Ficção Científica  
Coordenação: Geraldo C. Izaguirre

às 20:00 – Sessão de autógrafos de diversos autores.

#### DIA 24

às 08:30 – **TEMA 5** – O Ensino da Literatura (30 minutos)  
Expositor: Nádia Gotlib

às 10:50 – **TEMA 6** – Defesa do Idioma Nacional (30 minutos)  
Expositor: Wilton Cardoso

às 12:00 – Almoço

às 14:00 – **TEMA 7** – O Espaço Cultural nos Meios de Divulgação (30 minutos)  
Expositor: Celestino Sachet

às 16:15 – **TEMA 8** – Direitos Fundamentais do Escritor (30 minutos)  
Expositor: Luiz Geraldo Toledo Machado

às 18:00 – Mesas Redondas (1 hora)

1º) Literatura Infantil e Juvenil  
Coordenação: Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks e Ruth Rocha

2º) Contribuição da Mulher à Literatura Brasileira  
Coordenação: Lya Luft e Cecília Prada

#### DIA 25

às 08:30 – Aprovação dos Relatórios e Conclusões Finais  
Elaboração e aprovação da Carta do Congresso.

às 11:00 – Sessão Solene de Encerramento

às 12:00 – Almoço de confraternização.

## FESTA NA TABA CARIJÓ

Mei-en-bipe, 13/07/78  
A. Seixas Netto.

Jaci esplendorosa,  
luminosa,  
em alto Céu,  
presidia os festins sagrados  
na taba dos Carijós  
da Mei-en-bipe  
do chefe Caiobig.

O piaga cantou  
no centro da ocara  
ao som das inúbias e dos borés  
dos tabaques, dos torés  
a história dos deuses  
da floresta e do mar  
e a glórias da sua gente.

Na verde, profunda, silenciosa caa  
corupira, anhangá e caapora  
jurupari espivavam  
os uauá voejavam  
caapi alumivavam  
e legendários saci dançavam  
no mistério milenar da natureza,  
enquanto nos ribeirões ilhéus  
iáras de longas cabeleiras  
desciam em nado lento  
para as águas claras das Jurirê-Y.

Os licores de pitang e gerivá  
e os fortes cauim  
alegravam serlvigenas na noite linda.  
Beijuticanga de mandiog corriam à farta  
pelo festim.

Era a noite das invocações da tribu  
pela fartura do mar  
pela fartura da manta  
pela fartura do ar  
pelas águas claras dos rios  
que o piaga cantava  
pra toda a tribu dançar,  
enquanto o morubixaba  
pensativo presidia  
meditando o que seria  
muitas voltas de Jaci  
em muitos tempos passados  
se seu povo existiria  
ou se teria tornado  
à moradas de sambaqui  
se nada mais haveria  
depois dele ter partido. . .

E Jaci esplendorosa  
baixava para dormir  
e do Céu todo piranga  
Curacê ia subir. . .

A inúbia do pagé  
tocou longo seu sinal  
caxambú silenciou  
parou todo o festim. . .  
e nas ocas e malocas  
todos dormiram, enfim. . .

NOTA: Este poema publicado pela primeira vez agora faz parte do volume de versos, do Autor, titulado CÂNTICOS ILHÉUS, onde é narrada a história ilhoa. Ao final, o livro traz um vocabulário Carijô, mais de 500 verbetes, das palavras que passaram do linguajar nativo para o uso do matuto ilhéu. O Autor nasceu e vive nesta cidade do Desterro, ilha de Mei-en-bipe, pertence à Academia Catarinense de Letras, à Associação Catarinense de Escritores, e a várias Academias de Ciências e Letras do País e do Estrangeiro.

Ivonete Frasson  
(Criciúma)

E vínhamos as duas, cansadas de mais um dia, recordando o antigo colégio — motivo da nossa amizade: os nossos sonhos, afetos secretos, encantos, encontros, livros. . . Alguém tocou a campainha. O ônibus parou. O alguém desceu. Na estrada, lembrávamos as vezes que, por pirataria, burlávamos as normas internas e o devido respeito exigido às mesmas e íamos furtar, gostosamente, o lanche dos padres e professores, depois de já termos comido o nosso. Um dia fomos pegos em flagrante: nada aconteceu, somente um “sermãozinho” e uma cara zangada. Lembrávamos sorrindo e com uma grande saudade.

Toquei no braço da amiga. Ela olhou assustada. Fiz sinal para que ela escutasse. Ele me olhou, saudosa e de repente estávamos as duas bem no centro daquela pista. As primeiras notas já haviam começado e nossos braços se ergueram, suave e graciosamente, como as asas da garça que sobe as águas, e se abaixaram. As cabeças se inclinaram, num gesto de resignação, e os joelhos, numa manifestação de agradecimento, louvor e graça, docemente saudaram o solo no compasso daquelas notas.

Eram movimentos rápidos e graciosos que não se comparam à dança de um cisne enamorado. Doces e adolescentes como duas flores inseguras num vento morno de outono. Mas firmes, bem firmes na nossa idade rosada, tal qual a rosa ofertada no dia especial de maio.

Naquele compasso gostoso, a condução levava os nossos sonhos: os braços se estendiam ágeis, os sapatinhos de cetim escondiam pezinhos ligeiros e com pressa para andar com pressa e depressa. Todo o conjunto de movimentos formava uma melodia. Todo o corpo era um divino conjunto de sons e tons.

No último passo do compasso a condução parou. Parei de sonhar, mas esqueci de acordar. Desci, encantada, atravessei o terminal e o farol de um carro iluminou-me na dança de todos os dias. . .

## “O TEXTO TEATRAL”

Edith Kormann

Entre as áreas artísticas o teatro é plenitude. Faz incursões em todas as áreas artísticas buscando elementos para o espetáculo. O teatro é calor humano passando do palco para a platéia, é pulsação, é vida. É contagiante. Não é uma arte isolada, é a arte que tem o “poder de fazer rir e chorar juntos os homens” numa comunhão de idéias e sentimentos. Apesar das tendências dos modernos espetáculos em relegar o texto a nível secundário este ainda é, e será sempre a medula dos bons espetáculos. Esquilo, Sófocles e Eurípedes foram homens de teatro e nunca separaram os textos por eles escritos das representações teatrais. Como na literatura grega, que corresponde aos momentos históricos dos gregos ou realidade grega, todos os grandes eventos da história da civilização humana estão contidos em textos teatrais. Os textos na antiga Grécia, na Idade Média, na época Isabelina e na época clássica na França atingiram formas originais e tão perfeitas que impressionavam os espectadores. Já os textos contemporâneos não podem ser considerados como um histórico da literatura dramática, mas apesar da arte teatral ser na atualidade, independente, o texto ainda continua servindo de roteiro para os bons espetáculos inclusive cinema e televisão apesar do exagero dos meios cênicos e a deformação de algumas das melhores obras dramáticas.

E os textos infanto-juvenis?

Segundo Fausto Cunha — “O público infanto-juvenil brasileiro está um pouco naquela situação do burguês de Molière: durante anos consumiu ficção científica sem saber que o fazia.”

Moacy Cirne diz que: “o mundo da criança ampliou-se de maneira considerável. Mais do que nunca, existe a necessidade de “quadrinhos” comprometidos com a fantasia, com o sonho, com as propostas libertárias e com o imaginário infantil. Este compromisso é político e social no seu sentido mais amplo.”

Moacy Cirne fala em quadrinhos, quadrinhos contêm ações, e teatro é ação portanto, a mesma psicologia adotada nos quadrinhos é de vital importância nos textos infanto-juvenis porém com conteúdos brasileiros, evitando as fotocópias dos textos enlatados.

Os textos infanto-juvenis pecam por excesso de moralismo, estreita relação com a escola, conteúdo conservador e linguagem elaborada sem interesse para o público a quem se destinam.

## Engenho

Órgão da Associação Catarinense de Escritores

Caixa Postal D-56 — 88.000 — Nossa Senhora do Desterro — SC *Diretor:* Pinheiro Neto, Reg. n.º 135 — DRT/SC. *Editor:* Carlos de Freitas, Reg. n.º 5478 — DRT/SP. *Conselho Editorial:* Glauco Rodrigues Corrêa, Silveira de Souza, Amilcar Neves — *Diretor Comercial:* Josué Irineu da Silva. *Sócios da ACEs:* (até 31/03/81): Pinheiro Neto, Martins Mendes, Sidnei Poeta, Osmar Pisani, Arle ne Córdova Lisboa, Abel B. Pereira, Beatriz Niemeyer, Edith Kormann, Fernando Luiz Tokarski, José Sérgio dos Santos, Juraci Carlini, Carlos Aduino Vieira, Inácio João de Souza, Raquel Conti, Celso Vicenzi, Mário Tessari, Ivanir Maria da Veiga, Claudete Alves Eda, Zorjida Guimarães, Enéas Athanázio, Paulo Roberto Pacheco, Roberto B. Cabral, Cirineu Martins Cardozo, Silveira de Souza, Glauco Rodrigues Corrêa, Flávio José Cardozo, Oldemar Olsen Jr., Maria Odete Onório Olsen, Urda Alice Klüger, Rosa de Lourdes V. Silva, Amilcar Neves, Nilson Thomé, Júlio de Queiróz, João Nicolau Carvalho, João Brandão Neto, Osvaldo Vieira S. Filho, Marcos Konder Reis, Maura de Senna Pereira, João Tomás de Souza, Doralécio Soares, Silmar Bohrer, Nereu Corrêa, Theobaldo Costa Jamundá, Artêmio Zanon, Celso Leal da Veiga Jr., Carlos de Freitas, Lauro Junkes, Terezinha Moraes Teodoro, Wilson Rio Apa, Luiz Abel da Silva, Sérgio Cândido, Bento Silvério, Valmir Aguiar, Alcides Buss, Inês Roani, Ivonita Souza, Deonísio da Silva, Nereu do Vale Pereira, Almir Martins, Manoel de Menezes, Holdemar de Menezes, Dinaê Gelhardt, Vilson do Nascimento, Péricles Prade, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Osmar Andrade, Emanuel Medeiros Vieira, Danila Varella, Rogério Antonio O. Santos, João Leonir Dal’Alba, Josué Irineu da Silva, Adilson Pacheco, Acyr Osmar de Oliveira, Luiz Angelo Cirimbelli, Estevam Borges, Celestino Sachet, Inês Mafra, Lia Leal, Daniel Guizoni de Andrade, Lindolf Bell, Luiz Gonzaga Ferreira, Marina Batista, Roberto Diniz Saut, Amaline Issa, C. Ronald, Fernando Osvaldo Oliveira, Nelsi Andrade Mittmann, Adolfo Boos Jr., Paulo Gunther, Alzemiro Vieira, David Gonçalves, Hilton Amaral, Edla Van Steen, Pedro Grisa, José Gonçalves, Miguel Russowsky, Margarida Menezes, Editraud Fonseca, Jurandir Schmidt, Ari Kardec de Mello, Evaldo Pauli, Miro Moraes, Maria Helena Noronha, Maria de Lurdes Krieger Locks, Sueli Mazurana, Ana Janete Pedri, Osvaldo Ferreira de Melo, Zélia Andrade Lemos, Luiz Carlos de Amorim, Edson D’Ávila, Hilton Gorresen, Roberto Gomes, Cristóvão Tezza, Edy Leopoldo Tremel, Luiz Carminat, Carlos Braga Mueller, Constância Terezinha Severino, A. Seixas Netto, Wanda M. Betesek da Rosa, Francisco A.P. Fialho, Wolfgang Ludwig Rau, Raul Caldas Filho, Silvio Coelho dos Santos, Walter Fernando Piazza, Hélio Floriano dos Santos, Almiro Caldeira de Andrade, Marlon Ramos, Reinaldo Moraes da Costa, Salamão Antonio Ribas Júnior, Jair Francisco Hamms.

Lay-out e Arte Final: Marquito

# Entrevista



## Bento Silvério

O Jornal ENGENHO presta, nestas páginas, uma homenagem ao seu associado, o contista Bento Silvério. Silvério acaba de ser premiado num concurso de contos de âmbito latino-americano. ENGENHO o entrevistou, publica o conto premiado e a carta que Silvério recebeu, na qual lhe é comunicada a honraria recebida.

Engenho — Silvério, como você ficou sabendo da existência deste prêmio?

Silvério — Eu li o regulamento num jornal. Aliás, como todos os regulamentos de concursos literários. Eu tinha um conto pronto, pedi a ajuda da professora Maria Elena Saraiva para traduzi-lo para o espanhol e o enviei para a entidade promotora do concurso, a Fundación Givré, de Buenos Aires. Confesso que sem muita pretensão. A surpresa foi ser o único brasileiro premiado.

Engenho — O Concurso era de âmbito latino-americano, não?

Silvério — Sim. Pelo que li no regulamento, autores de toda a América, do México para o Sul, poderiam participar. Depois, fui informado pelo presidente da Fundación Givré que foram 20, os premiados. De alguns países, como Argentina, Uruguai e Guatemala, foram premiados mais de um autor. Do Brasil, apenas um.

AV. CALLAO 25 - (1022) BUENOS AIRES

#### MIEMBROS DE HONOR:

Jorge Luis Borges  
Prof. Dr. Luis F. Loloñ (Premio Nobel)  
Embajador Dr. Gregorio Marañón Moya  
Alberto Ginastera  
Prof. German Arciniegas (Colômbia)  
Prof. Dr. Osvaldo Justinoni  
Dra. Marina Volo  
(Ministra de Cultura de Costa Rica)

#### CONSEJEROS:

Vicente Forle (I)  
Paul Földi (pintura)  
Antonio Barni  
Berta Singerman poesia  
Máximo Paz  
Académico Paul H. Castagnino (literatura)  
Dr. Martín Alberto Noel (periodismo)  
Anamario Heinrich (fotografia artística)  
Pedro Luis Riala  
Ben Molas (música)  
Torgio Renan (cine)  
Cecilio Madones (teatro)  
Antonio Devoto (escultura)

#### PRESIDENTE:

Prof. Dr. Alfredo Givré

## FUNDACION GIVRÉ

Por la elevación de los valores espirituales

TEL. 40-3136 - 45-6380 - 40-3366

BENTO SILVEIRO

Santa Catarina Brasil.-

De nuestra mayor consideración:

Tenemos el

gran honor y el placer de comunicar a Usted, que  
vuestro trabajo literario ha sido seleccionado y  
premiado.

Deberá concurrir el día Viernes 21 del cte a las  
15 hs a la sede de la Fundación, Av. Callao 25, donde  
se le hará entrega de sus credenciales en una  
Recepción especial.

Posteriormente, a las 19 hs en el Hotel Sheraton  
se realizará el Acto Magno, donde se le hará entrega de  
su Premio, este Acto es de entrada libre.

Ingresa Usted a una gran familia de 1320 Miembros,  
distribuidos en todas las provincias argentinas y en  
14 países hermanos de América, todos, exclusivamente por  
haber sido premiados en Certámenes especiales.

Por razones de organización le rogamos nos informe telefónica-  
mente, confirmando su asistencia.

Al felicitar a Usted por la jerarquía de su trabajo literario,  
reciba los saludos cordiales de

Givré

Prof. Dr. Alfredo Givré  
Presidente de la Fundación

Agosto 3 de 1981

Engenho — Mas quase ninguém soube, não foi divulgado, por quê?

Silvério — Este é um problema sério. Nós, catarinenses, discutimos muito o fato de o Estado de Santa Catarina ter suas potencialidades tão pouco conhecidas no Brasil. Mas na hora de dizermos bem alto que existimos, todos ou quase todos se omitem. Um jornalista bastante conhecido chegou ao ridículo de dizer que não noticiava o fato de eu ter ganho um concurso internacional porque a notícia não era mais inédita, ou seja, por já ter sido publicada antes. Realmente, havia saído uma nota na coluna Informação Geral, de O Estado.

Engenho — Quer dizer que houve boicote à divulgação da notícia que dizia que você foi premiado?

Silvério — Eu me recuso a acreditar em boicote. Talvez má vontade, falta de sensibilidade. Por outro lado, muita publicidade também não é bom. Não ando a cata de status. Não gosto de badalações. Se você observar, vou às sessões de autógrafos quase por obrigação, evito os coquetéis, almoços e jantares. E quando vou, fico o tempo mínimo possível, falo o mínimo possível, quase me isolo. No entanto, e apesar disso, fico realmente sentido quando alguém se

recusa a dar uma notícia sob o argumento ridículo de que a notícia não pode ser veiculada porque não é mais inédita. Como jornalista não concebo a inediticidade como critério editorial. Isso não existe.

Engenho — Dá o nome do jornalista.

Silvério — É um amigo meu, por incrível que pareça. Trabalhamos juntos em várias oportunidades. Mas não direi seu nome.

Engenho — ESse tipo de coisa te desanima?  
Silvério — Absolutamente. Eu fico sentido porque todos nós trabalhamos para que o nosso Estado e as nossas coisas sejam divulgadas. Digo sempre, e repito, que nos falta cabotismo para dizer que existimos, escrevemos, produzimos toalhas, motores, geladeiras, livros, porcos, perus, frangos e não sei mais quantas coisas. Nós queremos que Santa Catarina seja um estado respeitado, que ocupe o lugar que merece a nível nacional. Mas, quando se trata de dizer o que temos, nos omitimos. Já vi muitos jornalistas falando mal um do outro; muitos contistas criticando não as obras dos outros, mas criticando comportamentos, posicionamentos. Mas ninguém faz autocrítica. Todos se acham os bons. Isso é que nos torna pequenos, desconhecidos. Eu, quando trabalhava no Jornal de Santa Catarina, cansei

de entrevistar escritores, de pedir contos para que fossem publicados. Visava divulgar a nossa literatura dentro do nosso estado. Muitas vezes recebia críticas de escritores que diziam que fulano não merecia ser publicado, que o trabalho de sicrano era uma droga. Isso, realmente, é de matar.

Engenho — Você considera a nossa literatura no mesmo nível de outros estados?

Silvério — Sem dúvida. Fazemos uma excelente literatura. Alguns babacas é que não percebem. Qualquer estado se orgulharia de ter escritores como Flávio Cardozo, Holdemar Menezes, Salim Miguel, Silveira de Souza e outros tantos, na prosa e na poesia.

Lindolfo Bell acaba de ganhar um concurso que lhe deu o direito a uma viagem à Espanha. Quem soube disso? Quem divulgou? A nossa literatura está merecendo mais atenção de nós mesmos. Em 1965 Miro Moraes publicou um livro que se esgotou rapidamente. Somente agora, finalmente, se fez justiça ao Miro, com o relançamento de "A Coroa no Reino das Possibilidades". O livro "Crime na Bafa Sul", do Glauco, em um ano, já está na segunda edição. Críticos e escritores de vários estados se dignou a entrevistar o Glauco. Uma vez eu disse, num jornal onde trabalhava, que a literatura catarinense estava sendo mal divulgada. Isso quase me custou o emprego, não por

parte do jornal, mas por outras pessoas que mandaram cartas aos diretores do jornal dizendo que eu estava mal intencionado, e praticamente solicitando que me proibissem de escrever sobre literatura. Os diretores do jornal, naturalmente, não deram importância ao fato.

Engenho — E o seu livro, "Entropia e Evolução"?

Silvério — Vai muito bem. Em um ano, a edição está no fim. No último levantamento que fiz constatei que estão sobrando não mais que 150 exemplares.

Engenho — Novos projetos para breve?

Silvério — Para breve, não. Talvez para o próximo ano.

## O ÚLTIMO DESEJO

Bento Silvério

Antes, era a dúvida. Depois, o remorso. Não sei se preferia uma ao outro. Hoje, ela me permite a contemplação interna; ele, a vergonha externa. Sou um bicho inquieto — amor, dor, decepção, compaixão, revolta, tesão, tudo se mistura, mescla, confunde, e não saio do meu buraco, minha toca, meu esconderijo. Carrego, permanentemente, estes, digamos sentimentos — impenetráveis, rijos, imaleáveis revestimentos,igmáticos fardos. Tento deles me desvencilhar — inútil tentativa.

Enquanto dúvida, olho-me num espelho côncavo. As imagens concentradas, esprimbadas pela distorção, não me permitem a visão real, concreta. Tropeço nos obstáculos do caminho: quebro a cara, e do espelho convexo vem o remorso. O homem-mulher são animais sado-masoquistas sob aura de solidiedade cristã.

O remorso é semelhante ao sentido depois do primeiro orgasmo, obtido, suado, roubado de um tronco de jabuticabeira. Antes, o impulso, incontrollável, a quase-dor dizendo sim, faça, não custa nada, ninguém está vendo. Depois, o remorso: e se alguém viu? O que vão dizer, falar — vão ralar comigo e vou apanhar. A dúvida cede e o remorso ocupa o espaço vazio, progressivamente.

Remorso e dúvida me assumiram, compartilharam-me por inteiro. Sou uma besta sem vontade. Preciso de chicotadas para arrancar, fazer o desejado e novamente empacar. Não tenho armas nem força para revoltar-me. Sobra a vontade, mas também esta é duvidosa; resta a reprimenda, o reproche — rotundo e envolvente, aprisionador, carcereiro implacável.

x-x-x

Suor, desejo e lágrimas. Um não sei qué lá dentro querendo movimento. Impulso incontrollável e inconciliável. Animal solto da jaula — fazer tudo quanto é possível. Como animal, impensadamente, instintivo, corro pelas ruas. Qualquer presa é boa caça.

Antes não era assim. Melhor: era diferente. Entre um extremo e outro, discursos, mentiras, planos e esquemas — não necessariamente nesta ordem. Aventura, uma quase-vida paralela. Sem ela, monotonia. A jabuticabeira floriu, gerou jabuticabas. Novas flores nasceram e secaram; folhas, idem. Eu também tive meus frutos: pai, como se faz um leão? Por que a gente não pode ter um leão em casa? Mas a minha jabuticaba nasceu de uma bananeira. Fruto legítimo porém ilegal e clandestino. Malditas leis, malditos costumes. Malditos sejam os homens. Maldita seja a sociedade. Já os defendi a ambos. Agora, excomungados(a). O um, por sua usura, ganância. Pelo

(no) uso de suas atribuições. . . A outra, por sua docilidade, por se permitir como argumento para satisfazer caprichos e impulsos luperinos inconfessos. Que haja lex mas que prevaleça o jus. Dura lex sed lex um cacete. A única coisa dura que funciona é o pau. O resto é dito, dita. Explica, não justifica; melhor: intimida, coage, amedronta, fere, aleija, mata. Subtrai o essencial. É legalizar a ação do lobo sobre o cordeiro que, amordaçado, nem gritar pode.

Hoje, sei que o remorso é saudade. Gostaria de voltar a sentir o tronco liso da jabuticabeira. Atualmente, com a tecnologia que permite mulheres infláveis, de exploração ou aluguel — ruiva ou morena? pergunta a voz pegajosa sempre que eu pedia, pelo telefone, companhia e companheiras. Ela me apelidou de o homem dos pedidos difíceis. Uma vez pedi uma muda. Ela disse não ter. Disse, então, que qualquer estrangeira servia, desde que não fosse latino-americana, nem espanhola ou italiana e, tampouco, portuguesa. Comi uma japonesa, aquela noite. Até lembrei de uma piadinha que dizia terem as nipônicas a xota atravessada. Morri de rir quando lembrei da piada, vendo-a nua. Ela não entendeu, nem poderia, nada.

Pois o remorso não o é mais, hoje. É saudade porque gostaria de reviver tudo novamente. Puta sonho impossível. Puta lugar-comum. É que não tenho saudade do meu tempo de ativista, das noites e dias distribuindo panfletos, pintando muros, convicto de estar, e estava, dando minha contribuição. No íntimo achava que, quando os objetivos fossem alcançados, alguém por certo lembraria: aquele era o rapaz que distribuía os panfletos. Horas e horas analisando discursos, planos, táticas. Havia uma colega que mexia com as minhas entranhas. O leão rugia lá dentro. Um dia ficamos os dois produzindo uns textos. Um mimiógrafo lento, barulhento, de irritar estátua. Conversamos. Descobri porque ela só fazia o serviço interno. Não podia aparecer. Não me disse nem insisti. Insisti, sim, mas foi para acalmar, ou salvar, ou prender, o leão lá dentro de mim, a minha revolução interna. Demos uma gostosa trepada. Ela por cima. Mania de grandeza, egocentrismo, talvez. Cedi. Que diferença fazia? A troupe chegou antes do que esperávamos e fomos expulsos do grupo. Até hoje não sei os motivos. Saí convicto de que revolucionário não pode amar, muito menos trepar.

Pinta manjada, todos me reconheciam — às avessas. Sob a alcinha de rapaz do panfleto, custei a me acertar novamente. De onde saí, vinha: reaca, traidor da causa. . .

A única coisa vermelha em mim sempre foi o ódio. Fiquei puto por aquilo. Hoje, por muito mais. Uma trepada fez gorar a minha revolução. A minha Araguaia foi uma pilha de jornal, ninho de amor proibido, punido, que me valeu uma expulsão, um exílio; perdi a guerra brincando de esconde-esconde ao som de um mimeógrafo.

Digo que o meu remorso é saudade e disso não tenho dúvida. Tenho saudades do grupo, apesar de nos terem marginalizado. Lamento por eles. Dez anos de Europa é ótimo, mas quando se pode voltar quando bem se entende. Na marra, nem com carinhos dinamarqueses, status inglês. Ainda mais com sotaque latino, exótico para o egocentrismo e o geocentrismo civilizados e auto-suficientes. Só os que acreditam numa irmandade universal não vêem isso. Eles foram os colonizadores, lembram? Por isso sou fã dos árabes: acabaram com a folia. Mas gostaria de ter ido com eles.

Depois da expulsão eu e a minha amiga — desde então — continuamos a nossa guerrilha. Foi a única coisa legal que sobrou do clandestino. Como uma jabuticabeira, ela deu fruto. Então começou a contra-guerrilha. A família dela a mandou para não sei onde. Lá, a nossa revolução nasceu e está se desenvolvendo. Para mim não sobrou nem o direito de responder: pai, por que existe vento?; pai, como se faz um leão? E olhe que me preparei. . . Decorei um repertório de respostas, que por serem infantis, não me tiram da dúvida.

Mudei de cidade com o filho na cabeça. Como consolo, as ruivas, morenas e louras. A minha revolução fracassou, o meu aparelho caiu. Nem sequer um postal, dizendo: nasceu, se chama pedro, josé, paulo, fábio. . . O nome não importa. Estamos bem. Trocou o pai do seu filho por uma casa de campo. Um latifúndio, possivelmente.

As ruivas, louras e morenas me consolaram por algum tempo. Do meu quarto-e-sala alugado, fui despejado. O condomínio me acusou de surubeiro, de atentar contra a moral e os bons costumes. Sem saber o que se passava entre as minhas paredes, acertaram. Já estava solicitando dose dupla. Uma de cada cor, ou tom. Eu as pagava em dobro para que se bulinassem, se chupassem. Só vendo sangue me satisfazia. Depois, disputava no palito que me receberia na xota e no bumbum. Isso, no começo. No final, quando dava uma dava também graças a Deus. Gozava com os olhos, então. O meu salário era gasto assim. Metade com alitude com aluguel e bebidas; a outra, com comidas. Pelos anúncios das revistas, compreí anéis, filmes, pomadas, simulation (para elas), guias, folhetos, manuais, tudo.

Montei uma pornoshop em casa. A arrumadeira me denunciou. O condomínio me expulsou pelo que tinha, não pelo que eu fazia, em casa.

Mudei de bairro. Mudei de cardápio. Me fiz revolucionário outra vez: passei a frequentar pontos de travestis. Um se apaixonou por mim. Não me largou mais. Carrapato em couro mole. Fui seu confidente. Ele se matou por amor, me deixando um bilhete de despedida. Fui novamente expulso: os seus colegas me acusaram de assassino — não à polícia, ainda bem na minha cara.

Fiz um balanço rápido: expulso de duas organizações; uma, me deixa sem o filho; o outro se mata por amor e a culpa foi colocada em mim. De um prédio, saí sob a acusação, lisojeira, até, de tarado. Aliás, acredito ser esta uma condição intrínseca do animal homem. O que não lhes permite vivenciar essa qualidade é justamente o sadismo — que dá prazer em proibir o que proporciona prazer. Há aí também egoísmo. Os pseudo-puritanos do prédio não dormiam direito, não trepavam direito, não comiam direito, sabendo que ao lado alguém estava fazendo o que eles também gostariam. Por isso minha convicção de que o homem-mulher são bichos sado-masoquistas. Sádicos, reprimindo sentimentos e angústias alheias; masoquistas, agindo como os meus vizinhos: impedidos de fazer o que eu podia, me expulsaram.

x-x-x

Essa minha inquietação é tão antiga quanto eu mesmo. Apanhei surras que burros de carga não mereciam. Por isso me comparei a uma besta sem vontade. Tenho vontade, sim, mas esta contradiz princípios ditos sociais. Tinha um irmão metido a socialista. Passava o dia lendo Marx, Althusser. . . Se eu comprava uma camisa, ele a usava antes de mim; mas, se eu usava um par de meias dele, mesmo já velhas, criava o maior caso. Um dia mandei ele enfiar os livros no cú. Apanhei uma das maiores surras. Foi a chicotada que me fez desempacar. Parei de pagar as prestações dos eletrodomésticos que a minha família comprava. Eles eram finos, nisso. Compravam tudo. O idiota aqui pagava antes do vencimento. Deixava de tomar uma cerveja, deixava de lado as trepadas, os passeios com as namoradinhas. . .

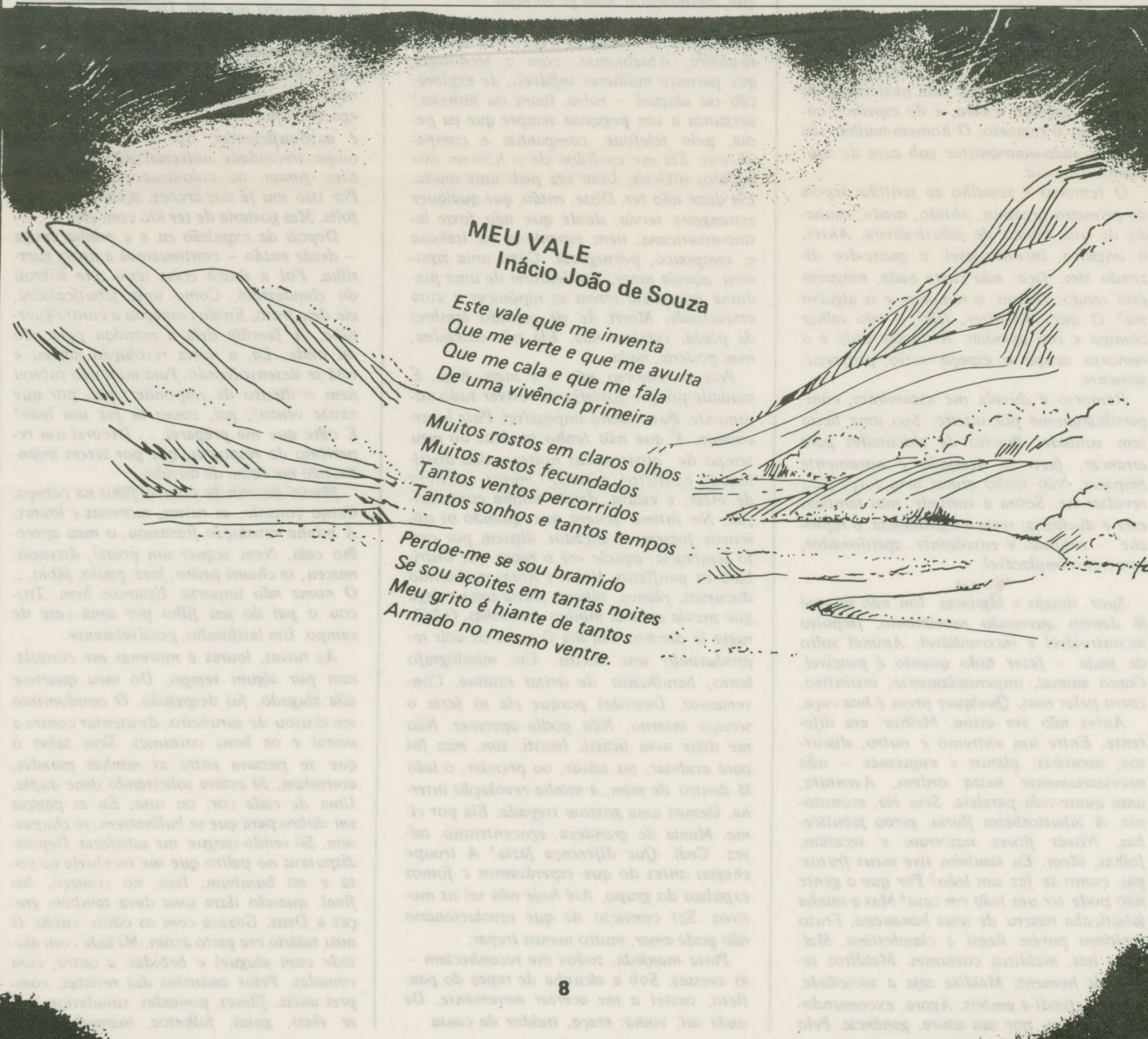
Na troupe da panfletagem nem trepar podia. Amei e fui expulso. O que sobrou? penso. As ruivas, louras e morenas já são insuficientes para esvaziar o meu saco.

Botei o pé na estrada. Como os carroneiros dos anos 60, desci o Brasil, entrei na Latina América. Ao chegar à Central precisei ser internado. Estava com o braço direito atrofiado. Todos pensavam fosse da mochila. Era de fazer continência.

Voltei. Estou com os dois braços atrofiados, brocha, e os pés me doem tanto que quase já não ando. Vegeto. Não penso, não

ajo, não voltei para casa. Sou uma planta. Vivo de sol e luz. Só não realizo a fotossíntese. O animal perdeu o instinto; o homem, o estímulo. Todas as minhas revoluções fracassaram. Os clássicos que me perdoem mas vou reescrever Aristóteles: o homem é um animal anti-social. Ratificado, portanto, Hobbes: homo hominis lupus. Choro um choro infantil. Nem remorso nem dúvida: dor, decepção, tristeza. Perdi todos os meus direitos. O jus sanguinis me foi usurpado inúmeras vezes: quando era explorado em casa e quando pude sequer ver meu filho. Acho que ainda tenho o jus soli, que não adianta de nada. Ter nascido é frustrante. Gostaria de ter vivido desde o berço na Antártida, no Polo Norte, ou em qualquer outro lugar onde não existisse eletrodomésticos, panfletagem — esquerda nem direita, volver. Onde pudesse ter um filho sem nenhum revolucionário para ditar normas contrárias ao jus natural.

Com os braços imóveis, os pés doentes, incapaz de realizar a fotossíntese, espero ser atropelado por um veículo dirigido por um bêbado, de preferência acompanhado de uma ruiva, loura ou morena. Pode ser negra, também. Um bêbado que não tenha filhos, que não tenha distribuído panfletos e que não pague prestações de eletrodomésticos. É meu último desejo.



## MEU VALE

Inácio João de Souza

Este vale que me inventa  
Que me verte e que me avulta  
Que me cala e que me fala  
De uma vivência primeira

Muitos rostos em claros olhos  
Muitos rastos fecundados  
Tantos ventos percorridos  
Tantos sonhos e tantos tempos

Perdoe-me se sou bramido  
Se sou açoites em tantas noites  
Meu grito é hiante de tantos  
Armado no mesmo ventre.



# BATALHA DE ARARANGUÁ E A SANTA INQUISIÇÃO

Osmond Andrade

Peço permissão para usar a primeira pessoa; o assunto exige.

Venho do cosmopolitismo de outras eras, teria dito Augusto dos Anjos, querendo com isso expressar que em matéria de enfrentar censuras, sou dos tempos do — comperdôdamápalavra — famigerado DIP getuliano. Em outras, uma espécie de “madame polaca” calejada e vivida e vacinada.

Comecei a escrever profissionalmente em 1939 para a antiga Rádio Club do Brasil, PRA-3 do Rio de Janeiro onde enfrentei o lápis vermelho e a tesoura até 1945, fim do estadonovismo dipiano. Um dia, de tanto gastarem cera rubra besuntando meus escritos, veio a educada advertência: — “tomar juízo ou mudar de emprego”.

Guardo dessa época de Ciclopes amargas recordações. Os programas voltavam do DIP de tal maneira mutilados que se impunha reescrever tudo, de preferência falando de coisa diferente, nada tendo a ver o u com as alças. Mas enriqueceu-se o anedotário à custa de tanta imbecilidade.

Como a daquele censor a quem advertiram contra certos autores muito matreiros capazes de dizer o que queriam nas entrelinhas e que passou, daí em diante, a sempre riscar também as entrelinhas. Ou a daquele outro prevenido contra o emprego de metáforas e que se defendeu distribuindo um “rigorosamente proibido escrever a palavra metáforas”.

Ao escrever em mil novecentos e trinta e poucos o seu “Breve Introdução à História da Estupidez Humana”, Walter Pitkin admitia que lá por volta de 1975, “... o homem da Enxada deverá voltar às cavernas dos seus irmãos mais velhos, os Cíclopes, pois o mundo não terá mais lugar para eles.” Errou de muito. Ainda recentemente a censura proibiu em todo o país a transmissão pela televisão do maravilhoso espetáculo do Ballet Bolshoi, de Moscou, visto no resto do mundo. Coisa de comunistas...

Razão tinha Schiller: — “Contra a estupidez dos homens até os deuses lutam em vão”.

Lembram-se, a propósito, do patético episódio envolvendo a peça teatral “Patética”? Pois não foi ela premiada como obra prima pelo Ministério da Educação e Cultura

e proibida de ser representada e de receber seu autor a justa pecúnia pelo da Justiça?

Ministérios do mesmo país, estou querendo dizer.

Pois lhes falo dessas coisas e conto casos de censura porque venho a propósito do que me aconteceu, a mim, neste mesmo país de coisas patéticas e degauleanas: — tive um livro de contos, “A BATALHA DE ARARANGUÁ”, premiado pela Fundação Catarinense de Cultura e proibido de ser publicado pelo Conselho Estadual de Cultura.

Prescreve-se e proscribe-se. . .

Bem; em verdade, em verdade, vos digo que exagerei um pouco; proibido, não foi. Se eu mudasse o nome do livro, não falasse da batalha nem de Araranguá e retirasse do volume o principal conto que lhe dá o título, aí, sim, concedia-lhe a Santa Inquisição o seu “Imprimatur” para o resto.

“A Batalha de Araranguá” — embora, como prefiro considerá-lo, um quase-conto — é mistura de noventa e cinco por cento de história autêntica com pequena pitadinha de fantasia. A coisa realmente aconteceu nos idos de 1961. Narra, conforme eu mesmo vi de perto, a invasão do território catarinense pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul quando do entra-não-entra que representou a troca de governo do renunciante senhor Jânio da Silva Quadros pelo não menos excelentíssimo senhor João Belchior Marques Goulart.

Ao acantonar-se em Araranguá por obstrução das vias trafegáveis determinada pelo comando militar sediado em Florianópolis, os meninos da briosa gaúcha foram personagens de episódios, esses, sim, mais do que patéticos, que a grande maioria do povo catarinense ignora ainda hoje. Salvou-os, aos meninos, da demoralização intestinal completa, e ao povo catarinense de ridícula peleada entre irmãos, o vigário da matriz de Araranguá.

Falei de intestinos e quis realmente referir-me a intestinos. Pois foi o que se deu. Pelo apavoramento diante dos aviões que raidavam, pela presença da Marinha no través da cidade e perspectiva de entrevero real, a desorganização entérica da piasada

que se escondia na sacristia e naves da matriz levou o nariz dos santinhos ao desespero total.

Daí a intervenção do bom vigário. Em defesa também das condições sanitárias do seu local de trabalho.

Veio dizê-lo às autoridades militares. E conseguiu, sabendo usar de linguagem muito apropriada ao fato e à ocasião, superar a crise.

Parece ter sido disso que a Santa Inquisição do Conselho Estadual de Cultura não gostou muito: — misturar fedores com andores. Mandou cortar a palavra metáfora, riscou as entrelinhas, tirou do ar o balé Bolshoi e salvou a dignidade do Vaticano. Tentou sovieticamente apagar um fato da memória do povo riscando-o dos compêndios. Verdade que ao hereje ofereceu indulgência plena satisfeita pequena penitência: trocar a história por outra menos profana.

Minha resposta, dei-a em carta pessoal ao Presidente da Fundação, João Nicolau Carvalho, da qual transcrevo o trecho final.

“Tenho vários livros de medicina publicados por editora do Rio de Janeiro, um deles, Parapsicologia, Panorama Atual das Funções Psi, vindo à luz exatamente neste segundo semestre em curso; outro deles, Manual de Hipnose Médica e Odontológica, com quatro edições brasileiras e várias fora do país, em espanhol, alemão, italiano e russo. Eis um currículo do qual me posso orgulhar e que não creio seja comum a muitos escritores patrícios incluindo os meus censores. E que me autoriza — falsa modéstia posta à parte — a dizer-lhe que não há de ser a glória pequena de um livrinho de histórias amenas e descompromissadas que me constrangerá a aceitar a humilhação de tutela intelectual.

“Fique o livro inédito. Melhor isso que a amputação.

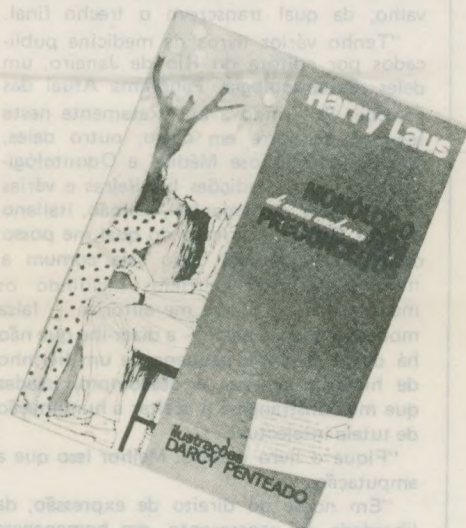
“Em nome do direito de expressão, da liberdade de pensamento, em homenagem aos Homens desta Terra e aos direitos já conquistados”.

**SANTA CATARINA SAÚDA  
OS PARTICIPANTES  
DO CONGRESSO**

# Quadro Geral

## 1. MARATONA CULTURAL

No dia 11 de setembro foram entregues, em Itajaí, os prêmios aos vencedores da Maratona Cultural "A Escola Participa", a qual teve como tema o livro *CRIME NA BAIÁ SUL*, de autoria de Glauco Rodrigues Corrêa, sócio da ACEs. Os premiados foram todos do interior do Estado: Izabel Cristina Mendes, com o 1º lugar, é de Itajaí, Marise Eltermann, 2º lugar, é de Dona Emma, e Sandra Regina Cláudio, 3º lugar, é de Blumenau. Além do interior, a exclusividade ficou também com o sexo feminino. A Maratona é uma promoção anual da Fundação Catarinense de Cultura.



## 2. Lady Águia

Com ilustrações de Darcy Penteado, Harry Laus, conhecido crítico de arte, lançou sua novela *MONÓLOGO DE UMA CACHORRA SEM PRECONCEITOS* no dia 24 de setembro, numa promoção da Fundação Catarinense de Cultura, Stúdio de Artes e Gráfica Orleans. O livro, cujo título original era *O Papo de Lady Águia*, apresenta as relações homossexuais de seu dono sob o ponto de vista de uma cachorra que atende pelo nome de Lady Águia.

## 3. FEIRA COMUNITÁRIA

Sob o patrocínio de entidades da administração estadual, realizou-se nos dias 2 e 3 de outubro, no Colégio Aderbal Ramos da Silva, a Feira de Integração Comunitária, durante a qual montaram-se *stands*, mostrou-se exposição e desenvolveram-se apresentações artísticas.

## 4. SERVIÇO SOCIAL

Formou-se a 9 de outubro a primeira turma do Curso de Serviço Social da Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe. O convite dos formandos homenageia Samora Machel reproduzindo uma citação sua: "Nenhum milagre virá ajudar-nos na tarefa de libertação. O processo de transformação é feito pelos homens que somos, lutando continuamente contra nossas próprias limitações."

## 5. AMIGO ESPECIAL

Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks, sócia da ACEs, lançou dia 10 de setembro seu livro infanto-juvenil intitulado *UM AMIGO ESPECIAL*. A tarde de autógrafos, promovida pela Fundação Catarinense de Cultura e pela Livraria e Distribuidora Catarinense, realizou-se na própria Livraria, abrindo mais um local para eventos de tal natureza. *UM AMIGO ESPECIAL* deu a sua autora uma Menção na edição 1981 do Troféu UBE, instituído pela União Brasileira de Escritores - São Paulo.

## 6. NOITE DE CRISTAL

O Grupo Teatral NÓS, da ilha de Santa Catarina, estabeleceu um marco significativo em sua carreira ao encenar "A Longa Noite de Cristal", peça em dois atos de Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha. A pré-estréia, regada a coquetel, deu-se a 28 de agosto no Teatro Álvaro de Carvalho, e nos demais dias as apresentações contaram com casa cheia.

## 7. SALÃO DE ARTES

Sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, realiza-se de 5 de outubro a 2 de novembro o II Salão Paulista de Artes Plásticas e Visuais, aberto a artistas de todo o País. Em Santa Catarina, as inscrições puderam ser feitas com fichas de inscrição fornecidas pelo MASC (Museu de Arte de Santa Catarina) no prédio da Alfândega.

## 8. COMÉRCIO DO DESTERRO

Em edição da própria Universidade Federal de Santa Catarina, a Professora Laura Machado Hubener Lançou dia 19 de agosto, no Hall da

Reitoria, o livro *O COMÉRCIO DA CIDADE DO DESTERRO NO SÉCULO XIX*.

## 9. PINTURAS

Tereza Martorano Vieira, pintora nascida em São Joaquim, expôs sua arte no Museu de Arte de Santa Catarina, no prédio da Alfândega, no período de 17 a 27 de setembro.

## 10. JOGOS ESCOLARES

Sob os auspícios da Fundação Educacional de Santa Catarina foram realizados os "Primeiros Jogos Escolares da FESC". A Comissão Central Organizadora esteve sediada no Colégio Aderbal Ramos da Silva, no Estreito, e a abertura dos Jogos se deu no dia 20 de agosto no Ginásio Municipal Carlos Alberto Campos.

## 11. POESIA COMPLETA

O Governador do Estado de Santa Catarina e o Presidente da Academia Brasileira de Letras convidaram para o lançamento do livro *POESIA COMPLETA* de Cruz e Sousa, no Centro Cultural do Brasil, no Rio de Janeiro, dia 27 de agosto. Na ocasião o Senador e Acadêmico José Sarney cumprimentou efusivamente o autor por telegrama, a quem desejou um brilhante futuro literário. Não consta que o livro, em bora hora editado pela Fundação Catarinense de Cultura, tenha sido lançado em Santa Catarina, terra do Poeta e do Governador. (Amílcar Neves)

## 12. SECRETÁRIO DE CULTURA

9 Através do ofício nº 001/81-SEC-RJ de 24.08.81, o Sr. Aloísio Magalhães, Secretário da Cultura do Ministério da Educação e da Cultura, refere-se a um ofício da Presidência da ACEs "com o qual foi solicitado auxílio financeiro de Cr\$ 1.800.000, (hum milhão e oitocentos mil cruzeiros), como contribuição para o V Congresso Nacional de Escritores que essa Associação realizará em outubro próximo, nesse Estado. Cabe-nos comunicar a V. S., depois de ouvidos setores competentes, que lamentamos não poder atender à solicitação que dirigiu a esta SEC, por não contarmos atualmente com recursos orçamentá-

# Quadro Geral

rios para atender ao citado Congresso." As entrelinhas sugerem que no futuro talvez se possa contar com tais recursos orçamentários. O ofício foi assinado pelo Secretário de Cultura do MEC.

## 13. IMPRENSA CATARINENSE

Encerraram-se a 30 de setembro, às 18 horas, as inscrições ao Prêmio Jerônimo Coelho de Jornalismo — Sesquicentenário da Imprensa Catarinense, instituído pela Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina e em comemoração aos 150 anos de edição do número 1 do primeiro jornal editado no Estado, O CATHARINENSE, transcorrido a 28 de julho de 1981. Os resultados deverão ser conhecidos até 30 de outubro e os prêmios serão entregues a 25 de novembro, dia de Santa Catarina.

## 14. ACEsc

Deve ser esta, provavelmente, a sigla da até então desconhecida Associação Catarinense de Escultores. Nossa Caixa Postal, identificada pelos caracteres D-56, recebeu um ofício datado de 09.09.81 e assinado pelo Senhor Vereador Zany Estael Leite contendo os seguintes dizeres: "Senhor Presidente, Com respeitosos cumprimentos tomo a liberdade, de comunicar-lhe, que esta Casa (a Câmara de Vereadores de Florianópolis — esclarecimento nosso, aqui do *Quadro Geral*) aprovou em redação final Projeto de minha autoria, declarando de utilidade pública a Associação Catarinense de Escultores. Certo de sua habitual atenção, aproveito o ensejo para enviar minhas cordiais saudações." O rodapé do ofício e a sobrecarta confirmam que a Associação destinatária da correspondência, a quem se transmite tão grata notícia, é mesmo a dos Escultores. Por curiosa coincidência, o Vereador Zany Stael Leite incumbira-se de encaminhar projeto declarando de utilidade pública a Associação Catarinense de Escritores, a ACEs.

## 15. A ILHA, A OUTRA

Circulando o número 3 de A ILHA — Suplemento Literário, editado em São Francisco do Sul. Colaboram nesta edição Débora S. Amorim e Laércio Brunato, ganhadores do Concurso de Contos do Departamento de Cultura



da Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul, e mais Jurandir Schmidt, Elise Sant'ana Brum, Joel Rogério Furtado, Dúnia de Freitas Toaldo, Lair Moreira Correa, Ricardo Maciel, Margareth P. da Silva e Luiz Carlos Amorim, este último o editor da Revista. Correspondência pode ser enviada para Rua Eng. Leite Ribeiro, s/n. 89.230, São Francisco do Sul, SC.

## 16. ARTE VISUAL

Aberta a 6 de outubro e prolongando-se até 16.10, na Galeria da Telesc, a Individual de Arte Visual de G. J. Warken. Guido apresenta desenhos em carvão, lápis e guache e gravuras.

## 17. OLHO DA VIDA

De Canoinhas, Fernando Luiz Tokarski encaminha à Biblioteca da ACEs seu OLHO DA VIDA, coletânea de 10 poemas de sua autoria, heroicamente editados com a ajuda do tradicional mimeógrafo a álcool. O Autor oferece seu endereço para pedidos ou correspondência: Caixa Postal 277, 89.460, Canoinhas, SC.

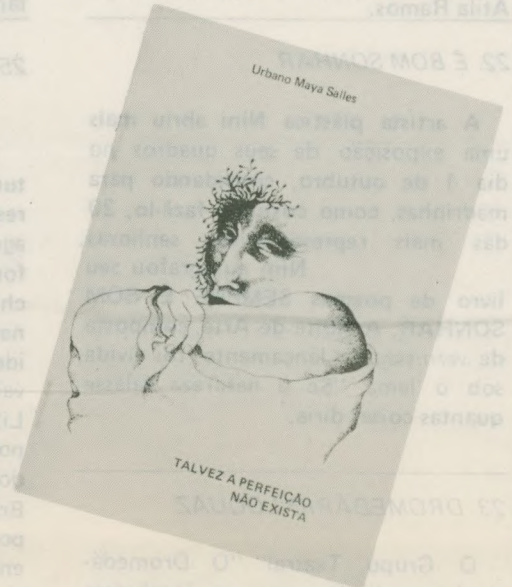
## 18. DA DINAMARCA

Niels Lomholt, da Dinamarca, agradece o envio do ENGENHO e adverte que não lê português mas que gosta de fotos, pelo que envia em troca uma foto (na realidade, xerox de uma foto) e um texto (este cá reproduzido, traduzido do inglês). O resto está em dinamarquês, o que apresenta uma dificuldade adicional para seu entendimento. A foto, embora dinamarquesa, retrata um jovem executivo convenientemente trajado de

terno e gravata ao lado de sua maleta 007.

## 19. TALVEZ A PERFEIÇÃO

Urbano Maya Salles encaminha seu cuidado volume de poemas intitulado TALVEZ A PERFEIÇÃO NÃO EXISTA, editado em 81. Seus poemas não têm título e as páginas não são numeradas; capa e desenhos são de



Walmor Bittencourt Corrêa. Segundo Glauco Rodrigues Corrêa, "Urbano não é um rapaz brincando de fazer versos, como acontece com outros de sua idade (e com outros que se crêem maduros) — é um moço que leva a sério seu fazer poético. É, portanto, um poeta em formação."

## 20. ASTROS DE CINZAS

O Senadinho já patrocinou recepções que provocaram verdadeiro furor, chegando até a serem notícia nacional, a virarem informação divulgada pela televisão francesa, como o caso daquela recepção oferecida em 30 de novembro de 79 ao General Figueiredo. Certamente com menos barulho agora, reuniram-se dia 9 de outubro os pares do Senadinho, com o Calçadão aberto aos curiosos de todo dia, para o lançamento do livro de poesias ASTROS DE CINZAS do escritor Vieira da Silva. A chamada "tarde-noite" de autógrafos foi regada a muito cafezinho. O Autor afirma que sua obra é uma edição independente, ou seja, custeada totalmente com recursos próprios. Vieira da Silva é sócio da ACEs.

# Quadro Geral

## 21. BREVE ARO

Sob o patrocínio da Fundação Catarinense de Cultura e da Secretaria Extraordinária do Trabalho e Integração Política do Estado, o escritor e acadêmico Júlio de Queiroz, sócio da ACEs, lançou dia 8 de outubro sua obra mais recente, o livro de poemas BREVE ARO. A capa do volume leva a assinatura do artista plástico Átila Ramos.

## 22. É BOM SONHAR

A artista plástica Nini abriu mais uma exposição de seus quadros no dia 1 de outubro, convidando para madrinhas, como costuma fazê-lo, 20 das mais representativas senhoras.

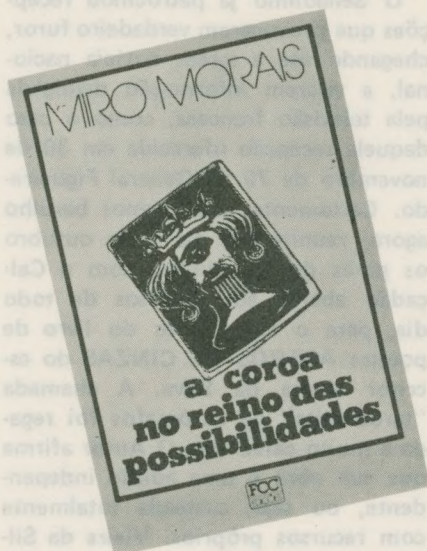
Nini autografou seu livro de poemas SEMPRE É BOM SONHAR. A Noite de Arte, composta de vernissage e lançamento, foi vivida sob o lema "Se a natureza falasse quantas coisas diria."

## 23. DROMEDÁRIO LOQUAZ

O Grupo Teatral "O Dromedário Loquaz" abre mais um local para encenações teatrais: o MASC, no prédio da Alfândega. O Grupo local apresenta, todas as sextas, sábados e domingos de outubro, sempre às 21 horas, a peça de Bertold Brecht "A Importância de Estar de Acordo".

## 24. COROA NO REINO

Miro Morais, de quem os leitores aguardam novas obras, lança dia 15 de outubro, no Salão Nobre do Palácio



Barriga-Verde, a segunda edição de seu livro A COROA NO REINO DAS POSSIBILIDADES, o qual se situa entre o romance e a coletânea de narrativas (vinte) interrelacionadas. O convite é feito pela Fundação Catarinense de Cultura, editora do livro, e pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina, que cede seu Salão Nobre. Miro também é associado à ACEs.

## 25. ENCICLOPÉDIA DA LITERATURA

A Fundação Catarinense de Cultura encaminhou a todos os escritores cadastrados, com data de 30 de agosto, ofício circular acompanhando formulário em duas vias para preenchimento com dados e informações atinentes às atividades intelectuais. A idéia é juntar todo o material possível no Estado e enviar para a Oficina Literária "Afrânio Coutinho" (OLAC), no Rio de Janeiro, que está organizando uma "Enciclopédia da Literatura Brasileira". Aos destinatários da correspondência foi fixado um prazo para envio de suas respostas que se encerrou a 17 de agosto do corrente ano.

## 26. UTILIDADE PÚBLICA

Através da Lei nº 1.807 de 11.09.81, publicada no Diário Oficial do Estado nº 11.812 de 22.09.81, a ACEs foi declarada de utilidade pública municipal. Segundo o artigo 1º da lei, "fica declarada de utilidade pública a 'Associação Catarinense de Escritores - ACEs', entidade civil sem fins lucrativos, fundada em 25. 12.75, com sede e foro nesta Capital".

## 27. CARTA GERAL

"A opressão, o empreguismo, o apadrinhamento são fatos rotineiros na província. Eliminar o hiato entre a literatura e um povo alienado e despojado de condições essenciais de dignidade, de direitos jogados na lata do lixo." Embora aplicáveis a qualquer província deste País, a constatação e o propósito referem-se ao Amazonico (1 folha) "Carta Geral" de número 9, edição de 31.08.81-31.10.81. Carta Geral publica pequenas notas e comentários além de poesias de pessoal de todo o Brasil. Os editores são Mariazinha Trindade e Marçal Bezerra, e o

endereço ("solicitamos comentários e colaborações") é Caixa Postal 1082, CEP 69.000, Manaus, AM.

## 28. ALZEMIRO VIEIRA

O poeta Alzemiرو Vieira, sócio da ACEs, ultima preparativos para o lançamento de seu segundo livro, o que deve ocorrer nos derradeiros dias do mês de outubro. A noite de autógrafos, acompanhada de samba e recital de poemas, deve acontecer no auditório do Teatro da UFSC, antiga igreja da Trindade. O livro tem edição independente.

## 29. CONCURSOS ESCRITA

A Editora e Livraria Escrita Ltda., (rua General Jardim 570, CEP 01223, São Paulo, SP) promove o "Concurso Escrita de Poesia Falada", de periodicidade mensal, e o "Concurso Bimestral Permanente de Contos, Poemas e Ensaios". Os prêmios, via de regra, se traduzem na publicação do trabalho vencedor em livro ou na Revista Escrita. Só é pena que a Escrita, uma das únicas publicações no gênero que persiste no mercado, não responda as cartas que recebe, não divulgue o resultado do concurso "Prosa Viva", de contos, que deveria ser conhecido em setembro (nem diga quando o divulgará) e não respeite a assinatura que se faça: por terem perdido o controle sobre o cheque enviado por correio, porém descontado no banco pela própria Editora, resolveram, depois de muita insistência e como se fizessem um grande favor, mandar um único número da revista ao invés de remeter a assinatura anual completa, como seria ético supor. (Amilcar Neves)

## 30. DE BLUMENAU

É com grande prazer que estou escrevendo para divulgar as boas novas, que mostram o valor do poeta Catarinense fora do nosso Estado. Recentemente recebi o resultado do II Concurso Mackenzie de Poesia, do Grupo Poeco - Só Poesia. Minha classificação foi o 37º colocado, o que me dá o direito de ser incluído no livro dos 50 melhores a ser lançado em março do próximo ano. Participei também do I Concurso Nacional de poesia, promovido pela "Revista Brasília", em colaboração com a Academia de

letras e música do Brasil. Cerca de 4.000 trabalhos foram julgados e para minha alegria fui classificado entre os 20 melhores, recebendo um belíssimo diploma com uma medalha de prata. Estou remetendo a poesia "Meu Vale", classificada no Concurso Mackenzie para divulgação. As outras classificadas no I Concurso Nacional de Poesias, promoção da Revista Brasília, mandarei brevemente. (Inácio João de Souza)

## 31. IDÉIA EM REVISTA

Segundo Paulino Rolim de Moura, seu editor, "Idéia em Revista" se constitui em uma "publicação de Arte/Crítica/Literatura. Remetida, regularmente, às autoridades do País, inclusive à Presidência da República, mantendo, também, intercâmbio cultural com poetas e escritores deste e de outros Estados." De composição artesanal, a revista publica autores de todo o País, especialmente poetas. Uma amostra do tom da revista: "Sobre tudo isso, ainda vemos a proliferação da indústria das necessidades criadas, que nos ordena fumar cigarro americano 'com sabor bem Brazil', beber uísque 'escocês', comer 'danoninhos', usar calças 'lee', e comprar brinquedos 'estrela' ou cachorrinhos que fazem pipi". Endereço para correspondência: Caixa Postal 345, São José dos Campos, SP.

## 32. ENCONTRO DE CONSELHOS

Como instituição convidada, a Associação Catarinense de Escritores participou, na pessoa de seu Presidente, Pinheiro Neto, do II Encontro Catarinense de Conselhos de Cultura, realizado em Balneário Camboriú durante os dias 17 e 18 de setembro. O presidente da ACEs, no horário destinado às comunicações, fez um relato das atividades desenvolvidas até o momento e das promoções que deverão ser realizadas. O encontro teve objetivos a articulação entre órgãos federais, estaduais e municipais, responsáveis pelo planejamento e coordenação da ação cultural e o estímulo à criação de novos Conselhos Municipais de Cultura e de Conselhos Regionais de Cultura.

## 33. CHEGOU

"Chegou" é o jornal informativo da Organização Promove de Ensino,

de Minas Gerais, e apresenta muita matéria de interesse geral. O número 14, de setembro, tem artigo informando que "através de recente pesquisa, descobre-se que o brasileiro anda lendo mais". Ainda que por artes de recente novela de televisão. Espera-se que o hábito se enraíze. O jornal se declara aberto à participação de todos, garantindo que a edição do "Chegou" com a colaboração aproveitada será enviada pelo Correio. Correspondência para Rua Estevão Pinto 601, Serra, CEP 30.000, Belo Horizonte, MG.

## 34. FERNANDO CHINAGLIA 1981

O Prêmio Fernando Chinaglia 1981, promovido pela União Brasileira de Escritores, sem dúvida destacou a literatura catarinense. O escritor e jornalista Salim Miguel foi destacado com o título de "Personalidade Literária do Ano". O Concurso Cruz e Sousa, segundo Stella Leonardos, secretária-geral da UBE, contribuiu para a concessão do título ao escritor. ENGENHO, o jornal da Associação Catarinense de Escritores, obteve da UBE, por unanimidade, diploma de "Mérito Cultural". Da mesma forma, o "Acadêmico", de Blumenau, igualmente obteve diploma de "Mérito Cultural". Com relação ao Concurso para livros inéditos de ficção (conto, novela ou romance), categoria geral, também deu SC: entre 328 concorrentes de todo o Brasil, o escritor Amílcar Neves foi premiado com Menção Especial por seu novo livro de contos; a Comissão Julgadora foi composta pelos escritores Stella Leonardos, João Fagundes de Menezes e Luiz F. Papi (relator). A entrega de prêmios e diplomas está marcada para 16 de outubro, no anexo da Academia Brasileira de Letras, no Rio.

## 35. CONCURSOS LITERÁRIOS

Com inscrições abertas até 16 de novembro os dois concursos da Fundação Catarinense de Cultura para 1981: o Prêmio Virgílio Várzea para livro de contos inéditos e o Prêmio Luiz Delfino para livro de poemas inéditos; cada prêmio tem um valor de Cr\$ 50.000,00, mais uma Menção Honrosa em cada categoria. Remessa de originais concorrentes ou pedido de informações para F.C.C., Unidade de Letras, Rua Victor Konder 71, 88.000, Florianópolis, SC. A. Associação

Catarinense de Escritores recebe até 30 de março de 82 as resenhas críticas sobre o livro 21 DEDOS DE PROSA concorrentes ao Concurso Nacional instituído com o intuito de "proporcionar o conhecimento de obras de autores catarinenses, especificamente na área do conto"; o prêmio é de Cr\$ 70.000,00 e os trabalhos, em três vias, devem ser enviados para ACEs, Caixa Postal D-56, 88.000, Nossa Senhora do Desterro, SC. Até 30 de novembro podem ser recebidas obras que concorram ao Prêmio Casa de las Américas 1982; segundo as bases do concurso, "ao prêmio Casa das Américas poderão concorrer: a) livros de ficção; b) livros de ensaio (de interpretação ou crítica, e também de pesquisas e monografias elaboradas ensaísticamente) e livros de testemunho; e c) livros para crianças ou jovens. Os livros de ficção serão: romances, poemários, livros de contos e obras dramáticas." O prêmio é de 1.000 dólares e será outorgado um prêmio único, dentre outras, à categoria literatura brasileira, como acontece todo ano. Endereço: Casa de las Américas, Case Postal 2, 3000 Berna, Suíça (os outros endereços parece que não "funcionam", ou seja, as correspondências não são enviadas).

## 36. INL 1981

Os Prêmios Literários Nacionais de 1981, instituídos pelo Instituto Nacional do Livro, órgão do MEC, tiveram sua inscrição encerrada a 30.06. Pelo decreto que institui os Prêmios, o resultado deve ser divulgado num prazo de 60 dias, ou seja, até 30.08. Segundo o escritor Herberto Sales, diretor do INL, os resultados "ainda não estão disponíveis, visto que, até o presente momento, a Comissão Julgadora não foi nomeada pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura". Isto, dito a 28.09.81 - quer dizer, a nomeação já está atrasada três meses. O fato ilustra bem a importância que os meios oficiais dedicam às coisas da cultura. (AN)

## 37. UFSC 1981

A Universidade Federal de Santa Catarina promove seu II Concurso Literário. O regulamento estabelece o prazo de entrega dos trabalhos, 15.09 (posteriormente prorrogado para 15.10), mas não fixa data para divulgação dos resultados. Perguntados a

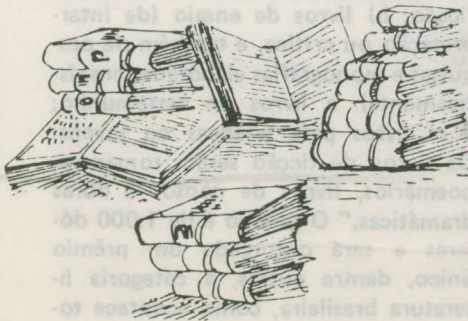
# Quadro Geral

respeito desta data, os dois funcionários do Departamento de Assuntos Culturais responsáveis pelo concurso se entreolham e um deles esclarece: "Só Deus sabe". Ante o espanto do interessado, ele se apressa a informar: "Só Deus sabe". Esta por certo não seria a resposta do Reitor nem do Pró-Reitor de Assuntos Estudantis e de Extensão, a quem se subordina o DAC. (AN)

## 38. FCC 1981

A Fundação Catarinense de Cultura, infelizmente, parece ter sucumbido ao peso do Prêmio Cruz e Sousa, ao qual teve de se atrelar para evitar que uma iniciativa cultural de vulto na área estadual não passasse sem sua participação. Depois que o Concurso foi lançado, a um ano atrás, a Fundação pouco editou, ficando muito longe da meta idealizada por seu Superintendente de publicar dois livros por mês de autor catarinense. Da

mesma forma, ainda não se concretizou o objetivo, que estaria iminente três meses atrás, de distribuir o livro catarinense nos altamente competitivos mercados de Rio, São Paulo e Brasília, o que exigiria, sem dúvida, um eficiente esquema de divulgação das obras a distribuir. Por fim, falta fazer balanço criterioso das vantagens que o Concurso trouxe (se é que trouxe alguma) para a Literatura Barriga-Verde. (AN)



- 21 DEDOS DE PROSA – Co-edição ACEs/Cambirela (coletânea de contos inéditos de 21 escritores catarinenses) – 118 pgs. . . . . Cr\$ 300,00
  - ... E DESLIGARAM A TV – coedição do autor L. A. Martins Mendes/ACEs (livro infantil aberto à participação criativa das crianças) – 30 pgs . . . . . Cr\$ 100,00
  - CHRISCHELLE – Pinheiro Neto – Editora Lunardelli (poemas curtos, habilidade na utilização da palavra e na linha do experimentalismo semiótico) – 107 pgs. . . . . Cr\$ 200,00
  - CRIME NA BAÍA SUL – Glauco Rodrigues Corrêa, Editora Ática (romance policial, classificado por alguns como novela que encerra toda uma nova força ficcional na área) 79 pgs . . . . . Cr\$ 170,00
  - MEU CHÃO – Enéas Athanázio, Editora do Escritor (contos – vigorosamente narrados com cunho regional, peculiaridade aliás do autor) – pgs . . . . . Cr\$ 200,00
  - OS PEQUENOS DESENCONTROS – Silveira de Souza, Conselho Estadual de Cultura (crônicas que revelam a habilidade do contista ao trabalhar o cotidiano) – 80 pgs. . . . . Cr\$ 100,00
  - RASGA-MORTALHA – João Nicolau Carvalho, Editora Lunardelli (contos bem realizados, num estilo pessoal, narrativa fluente e forte) – 103 pgs . . . . . Cr\$ 250,00
  - ENTROPIA E EVASÃO – Bento Silvério, Universidade Federal de Santa Catarina (contos cuja literariedade das narrativas e a característica jornalística marcam a obra e o autor) – 90 pgs. . . . . Cr\$ 200,00
  - O INSIDIOSO FATO. . . – Amílcar Neves, UDESC/Editora (contos, também considerados como "historinhas cínicas e moralistas" que refletem a preocupação do autor com personagens diárias e fatos que podem acontecer em qualquer parte do universo) – 81 pgs . . . . . Cr\$ 150,00
  - OUTROS CATARINENSES ESCREVEM ASSIM – Editora Acadêmica (livro de poemas que reúne as mais variadas tendências da poética catarinense) – 358 pgs . . . . . Cr\$ 500,00
  - O HOMEM E A MULHER – Alcides Buss – Edição do Autor (livro de poemas que marca uma nova fase na trajetória poética do poeta) – 84 pgs . . . . . Cr\$ 200,00
  - THEAGÁ – Theobaldo Costa Jamundá – Academia Catarinense de Letras/ Editora ("é um livro aberto. Uma carapuça à disposição. O conjunto das partes do livro constitui momentos definitivos para um escritor no domínio de sua arte) – 143 pgs . . . . . Cr\$ 150,00
- Faça o seu pedido remetendo cheque nominal em favor da Associação Catarinense de Escritores, Caixa Postal – D-56 CEP 88.000 – Nossa Senhora do Desterro – SC, bem como seu endereço, você receberá seu (s) livro (s) sem nenhuma outra despesa.



## LIVROS

**Parapsicologia, Panorama Atual das Funções PSI** (Livraria Atheneu, 1981), de Os-  
nard Andrade Faria – O autor, médico com  
larga folha de serviços, possui significativa  
obra dedicada aos temas de sua profissão,  
além de trabalhos ficcionais publicados em  
periódicos. Neste livro, Faria expõe fatos  
e teorias, questionando-os com argúcia e  
propondo soluções audaciosas.

**No Plantão Daquela Sexta-feira** (1981);  
**Evangelho dos Amantes** (1981); **Homem  
com Medo e Poeta Triste** (1981), edições  
do autor, Artemio Zanon – Não há dúvidas  
de que Zanon, atualmente, inscreve-se en-  
tre os autores brasileiros mais produtivos.  
Em Santa Catarina, quebrou um recorde,  
lançando, numa mesma data, seus três úl-  
timos livros, o primeiro de contos e os ou-  
tros dois de poesia.

**Incendiário de Mitos** (Edições Siriará, s/  
data), de Márcio Catunda – Poemas que,  
segundo Moreira Campos, trazem certo  
sopro simbolista.

**Enquanto o Céu Não Cair** (Gráfica Editó-  
rial Cearense, 1981), de Diogo Fontenelle  
– Disse Cláudio Correia que "Diogo, é o  
poeta que escreve enquanto o céu não cair".

**Sangue no Asfalto** (Edição do autor, s/  
data), de N. A. Mittmann – São contos de  
estréia do autor, cujo lançamento aconte-  
ceu em Palmitos, SC. Segundo o prefacia-  
dor, as narrativas apresentam "conteúdo  
picante e, outras vezes, delicioso".

**Quarto/Sala Tergal e Tudo** (Edições Rai-  
bã, 1980), de Helio Leite e Miriam Blanck  
Sambursky – Poemas, segundo se deduz,  
compostos de parceria.

**Praça ou Banco de Jardim** (Edição mimeo-  
grafada do autor, s/data), de Nicolau Flores  
– Na contra-capa, há uma justificativa  
assinada por Pizzolo, que começa assim:  
"Nicolau traz traços intactos dos tempos  
de márlio. Traz toques táteis dos tantos to-  
ques que tem." São "poemas p/ler", confor-  
me se lê na capa.

## REVISTAS

**Solução**, revista mensal, editada em Flo-  
rianópolis, sob a direção de Carlos Eduardo  
Wicchiatti Cardoso, que se propõe "a ser-  
vir o Estado de Santa Catarina sem apenas  
apontar as falhas e os erros, mas abrindo  
espaço para que as pessoas de visão apreem-  
tem soluções". O primeiro número traz uma  
entrevista com o escritor paulista Moacir  
Amâncio.

**Idéia em Revista**, publicação que se dedica  
à arte, à crítica e à literatura, sendo "re-  
metida regularmente às autoridades do País,  
inclusive à Presidência da República". Seu  
editor é o combativo jornalista Paulino Ro-  
lim de Moura, de São José dos Campos, SP.  
Na edição de agosto/setembro (no. 31/32),  
encontramos um estudo de Nogueira Mou-  
tinho sobre a poesia de Paulo Bonfim.

## EVENTOS

Em Florianópolis, de 23 de julho a 6 de  
agosto, exposição de pinturas de Maria Do-  
rotéa Leal, na Casa da Cultura. Maria Do-  
rotéa é de Rio do Sul, SC, de onde veio para  
Florianópolis. É autodidata no desenho,  
mas estudou técnicas de pintura em esco-  
las particulares, depois cursou Artes Plás-  
ticas na Faculdade de Educação Artística.  
Não faz muito concluiu o curso de Far-  
mácia e, atualmente, estuda Bioquímica.  
Pinta casarios e retratos.

Em São Paulo, no dia 20 de agosto, no Clu-  
be Atlético Monte Líbano, o deputado Re-  
nato Cordeiro lançou seu livro "Memorator"  
em tarde de coquetel e autógrafos, sob a  
égide da União Brasileira de Escritores.  
O convite dizia que a cerimônia contaria  
"com a honrosa presença de Sua Excelên-  
cia, o Sr. Presidente da República, João  
Batista de Oliveira Figueiredo". Também  
pedia-se aos convidados para comparecerem  
com 30 minutos de antecedência e apresen-  
tassem o convite.

## CONCURSO

**X Festival de Poesia Falada**, na cidade de  
Varginha, MG, neste mês de outubro, com  
o objetivo de incentivar a criação poética e  
a interpretação oral. O prêmio maior é de  
Cr\$ 20.000,00. O patrocínio é da Prefeitura  
Municipal. No festival do ano passado, foi  
vencedor o poeta Paschoal Motta, muito  
conhecido no Brasil, através das páginas do  
Suplemento Literário Minas Gerais, de que  
editor.

## ESTRÉIA LITERÁRIA

**Talvez a Perfeição não Exista** é o livro (for-  
mato de bolso) de poemas, com que o jovem  
florianopolitano Urbano Maya Salles  
rompeu o ineditismo. Estudante do 2o.  
Grau, 16 anos, Urbano faz poemas há bas-  
tante tempo, mas só agora reuniu seu tra-  
balho e os imprimiu, através da Orleans  
Gráfica. Outro estudante (de Arquitetura),  
Walmor Bittencourt Corrêa, ilustrou a obra.  
Urbano, como outros de sua idade (ou co-  
mo tantos – maduros – que se acreditam  
poetas), é um moço que leva a sério seu fazer  
poético. É portanto um poeta em formação.

## CURSO

**A Associação Esperantista de Santa Catari-  
na** está proporcionando um curso de Espe-  
ranto por correspondência, além daqueles  
que mantêm em sala de aula. Dessa forma,  
os interessados residentes no Interior de  
Santa Catarina, ou em outros Estados, po-  
derão estudar, em suas casas, a língua in-  
ternacional neutra, criada por Zamenhof. O  
endereço da Associação é: Caixa Postal 460,  
Florianópolis, SC – CEP 88000.

## QUEM NÃO QUERIA. . .

Quem não queria. . .  
ter um pouco de paz,  
todos querem, mas  
poucos a tem  
e quando ela vem  
esquecemos tudo.

Esquecemos o sofrer. . .

Perdoamos o penar. . .  
queremos aproveitar. . .

o instante vai passar. . .

Quem não queria. . .

ter um pouco do bom. . .

um pouquinho só. . .

como diz o bom tom,  
para depois, não fazer dó.

RAQUEL CONTI

Foi realizado na cidade de Criciúma, entre os dias 21 e 23 de agosto próximo passado, o VI Encontro Catarinense de Escritores, numa promoção da ACEs que contou com o apoio da Fundação Educacional de Criciúma, cedendo o espaço físico e do Centro Interescolar de Segundo Grau — CIS, também daquela cidade, que colocou à disposição do evento alunas do Curso de Secretariado para atuarem como recepcionistas.

No primeiro dia os trabalhos foram abertos pelo escritor Artêmio Zanon, Representante da ACEs em Criciúma, que saudou os participantes, passando a seguir a palavra ao Presidente da entidade.

Falando sobre a força da Associação, Pinheiro Neto salientou a importância e a necessidade de a classe manter-se unida, coesa em torno de seus propósitos e ideais, sem o que todo o esforço que vem sendo feito resultará infrutífero. "O papel do escritor deve ser assumido integralmente por cada um dos que abraçaram esse caminho. Ou o escritor se conscientiza de seu compromisso para com o Homem, para com a humanidade, ou toda sua obra estará fadada ao esquecimento."

Dirigiu também a palavra aos presentes o escritor Rossine Camargo Guarnieri, Secretário da UBE de São Paulo, que falou sobre o papel do escritor como reformador social, além de fazer um breve comentário sobre a realização do V Congresso Nacional de Escritores.



#### OS TEMAS

Falando sobre o PANORAMA DA LITERATURA CATARINENSE, Celestino Sachet, Presidente da Academia Catarinense de Letras e membro do Conselho Fiscal da ACEs, apresentou um retrospecto de suas andanças pelo Estado, onde tem realizado palestras e conferências sobre a Cultura e a Literatura Catarinenses, cujos resultados mostram que alunos e professores estão totalmente desinformados.

Nos debates foi salientado que a literatura não deve responder a indagações, mas fazer uma radiografia dos fatos sobre os quais se indaga e que, além disso, a nossa literatura se distancia do povo por ser um instrumento do sistema burguês, sem cheiro de terra, como acontece no Peru e Chile.

Sobre "grande" e "pequena" literatura concluiu-se que, na maior parte das vezes, a literatura é "grande" porque é composta de obras bem aceitas e lembradas, porquanto lidas.

Um outro problema verificado — especificamente local — é o da divulgação e venda das obras editadas, já que há autores que esgotam suas edições vendendo de porta em porta, não as deixando em livrarias que, além de serem poucas, vendem poucos livros.

Finalmente foi concluída a necessidade de os escritores assumirem suas responsabilidades como modeladores intelectuais e sociais que são, sem desânimo, com fé, mesmo contra todos os obstáculos.

#### A LITERATURA REGIONAL

Enfocando o termo "regional" não com seu significado comum, mas como literatura do camponês para o camponês, Wilson Rio Apa abordou o tema "A Literatura Regional".

De acordo com o expositor, "no Brasil os temas ditos "regionais" são colhidos no meio do povo e devolvidos a ele depois de passar pelo crivo intelectual e burguês do escritor. Assim, o que se conhece por literatura regional não o é realmente; pois para sê-la, seria necessário que voltasse ao povo como dele saiu."

Citou Guimarães Rosa como exemplo de suas colocações, dizendo que "ele, um erudito, construiu uma linguagem sobre um tema do povo que faz com que sua literatura só seja lida por uma elite também erudita e não pelo povo."

Apresentou como solução de reciprocidade o teatro; pois conforme ele, só o teatro possui a capacidade de devolver ao homem simples e analfabeto aquilo que é recolhido de seu meio.

Após, durante os debates, houve colo-

cações sobre a opinião do expositor, a respeito do que ele considera "regional". Observou-se que ele não fazia uma distinção propriamente do regional e não-regional, mas do urbano e do rural; que, queiramos ou não "trazemos em nós a herança cultural européia e por ela somos dirigidos" e não se consegue formar, de uma hora para outra, uma cultura independente dela e totalmente nova; "que quando se fala em literatura como escritores está-se falando em teorias e o que importa é a prática".

Finalmente concluiu-se que Santa Catarina e sua literatura se aproximam mais da literatura ruralista, do que outros estados, por estar mais ligada à terra e ao homem, com menor influência cultural externa.

#### O ESPAÇO CULTURAL NOS MEIOS DE DIVULGAÇÃO

Expondo sobre o tema, o escritor Alcides Buss considerou o escritor "participante e não elemento somante" da sociedade e, como tal, deveria haver uma maior integração escritor-leitor. Esta integração se daria



através de outros meios de divulgação que não apenas o livro.

Enfocou o fato de que, antes, havia muito mais jornais publicando obras de escritores e que o número diminuiu bastante, tendo citado alguns exemplos. Assim, conforme Alcides Buss, "o escritor deverá assumir a sua condição de homem de pensamento literário e reagir contra essa diminuição de espaço literário, tornando-se mais agressivo na procura desses espaços."

Por outro lado, quanto maior espaço conseguir para a literatura, maior probabilidade haverá de desenvolver o hábito de leitura entre o povo.

Também esta luta pelo espaço cultural deve ser levada à rádio, televisão e quaisquer outros meios disponíveis para a difusão da literatura.

Alcides Buss comentou que "para a conscientização do escritor e mesmo para a difusão da literatura é necessário que se promovam sempre encontros de escritores, palestras em escolas e universidades, enfim todo o tipo de evento que possa aproximar escritor e leitor (ou possível leitor)."

Falou ainda sobre a importância da imprensa alternativa, destacando diversas publicações em Santa Catarina voltadas exclusivamente para a difusão da literatura, assim como os jornais que dispõem de páginas literárias.

#### CONCLUSÃO

O encerramento do Encontro aconteceu no dia 23, de acordo com o programa e os resultados, segundo objetivos previamente divulgados, foram plenamente alcançados.

Apesar do reduzido número de escritores presentes em Criciúma, ficou registrada a presença de um público composto por muitos universitários, professores, estudantes de segundo grau e pessoas da comunidade, o que justificou a abertura experimentada pela Diretoria da ACEs e que, a partir de então será repetida. O próximo encontro não foi definido, embora se saiba que duas cidades já se colocaram à disposição. São elas, São José e Chapecó.

